

O TEMPO PRESENTE E OS PROJETOS DE VIDA DOS JOVENS POBRES¹

Juliana Thimóteo Nazareno Mendes**

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como foco analítico os projetos de vida dos jovens pobres. Pretendemos demonstrar que os projetos de vida dos jovens só adquirem sentido no tempo presente e por isso, esse tempo precisa ser significado, na sua relação com o passado e o futuro.

Tomamos como ponto de partida a compreensão de que os projetos de vida dos jovens são construídos e significados em função das experiências sócio-culturais, das vivências e interações interpessoais que eles estabelecem. Juncken (2005) o confirma:

Um projeto por mais particular que seja, tem de se basear em um nível de racionalidade cotidiana em que expectativas mínimas sejam alcançáveis, embora as emoções do sujeito também sejam matéria-prima que constituem o projeto. O projeto implica algum tipo de avaliação, uma estratégia para realizar certas metas, uma noção de tempo com etapas se encadeando. O projeto individual propriamente dito é construído por meio de uma idéia mais ou menos elaborada de uma história e vida. (Juncken, 2005: 20)

Além disso, consideramos que os projetos de vida mudam e se transformam, pois o sujeito² deste projeto vive em um tempo, em um espaço e em uma sociedade e, assim, está passível de determinações provenientes da ação do outro e da história.

Assim, para desvendar a constituição dos projetos de vida dos jovens pobres é necessário, olhar para a realidade concreta, em que os sujeitos deste processo se produzem e se reproduzem, pois é neste contexto que os projetos serão (re) construídos e (re) significados, a partir de suas experiências e vivências. Este concreto é o espaço do

¹ Trabalho apresentado 19ª Conferência Mundial de Serviço Social, sob a forma comunicação oral, no ano de 2008.

** Professora Assistente do curso de Serviço Social de Campos dos Goytacazes, da Universidade Federal Fluminense. E-mail: juliananazareno@yahoo.com.br

² Este sujeito é o homem que transforma, (re) produzindo a própria realidade. É aquele que não só produz conhecimento, mas também as transformações físicas. É o homem e a sua história, os seus conhecimentos, as suas idéias e ideologias, bem como a natureza e seu devir. Ou seja, o homem na sua Totalidade.

presente vivido, da vida cotidiana, que traz, ao mesmo tempo, as marcas do passado e as possibilidades do futuro, mediadas pelo território. É a vida cotidiana que se apresenta no imediato (experiência pessoal) e na mediação (espaço-tempo) e que produz a alienação e a libertação.

Com isso, estruturamos este estudo a partir de uma pesquisa empírica realizada com 30 jovens participantes do projeto UFJF- Território de Oportunidades³, com base nos pressupostos da pesquisa-intervenção.

A opção por este processo metodológico se justifica porque a pesquisa-intervenção aponta para a construção de um campo de múltiplos atravessamentos em que sujeitos e objetos se criam, assumindo com isso, a idéia de que a própria investigação produz efeitos, inclusive sobre si mesmo. Disso decorre o indicativo de que não há o isolamento entre o ato de pesquisar e o momento em que a pesquisa acontece e nem entre pesquisador e objeto. Com isso, é um processo investigativo que permite maximizar a análise coletiva, envolvendo assim, todos os atores na apropriação, não só dos resultados, mas da dinâmica das relações que se tornam visíveis.

Para alcançarmos nosso objetivo, abordaremos inicialmente o tempo presente, bem como a forma como os jovens o compreendem e o vivenciam. Em seguida, abordaremos os projetos de vida construídos pelos jovens participantes do projeto UFJF- Território de Oportunidades.

A JUVENTUDE CONTEMPORÂNEA - a experiência do tempo presente

As ciências sociais desenvolveram uma abordagem do tempo que primava pelo caráter social e cultural da experiência temporal, diferentemente da filosofia, que discutia suas dimensões ontológicas. A idéia principal das ciências sociais é de que a forma como se percebe e se conceitua a experiência do tempo se difere segundo as culturas e os períodos históricos.

Várias dimensões do tempo têm interessado as ciências sociais, porém, neste estudo o enfoque será dado no ciclo diário - a estrutura social do dia-a-dia dos indivíduos e no controle do tempo.

O *uso do tempo*, de acordo com Franch (2005) remete a organização do cotidiano, ou seja, aquilo que as pessoas fazem durante o seu dia, sua semana. Desta forma,

³ Este é um projeto de extensão coordenado pelo Pólo de Suporte às Políticas de Proteção à Família, Infância e Juventude. São atendidos 30 jovens, de 15 a 18 anos, regularmente matriculados em escolas públicas. Os jovens recebem uma bolsa no valor de R\$200,00 para participarem de 12 oficinas sócio-educativas e culturais promovidas pela Pró-Reitoria de Extensão Universitária de UFJF.

abordamos as tarefas coletivas ou rituais que demarcam os ritmos sociais que classificam o devir e por consequência fazem com que as pessoas percebam o tempo.

No relato dos jovens, o tempo cotidiano aparece organizado tendo como referência as tarefas coletivas: escola, projeto, descanso e lazer.

A escola tem papel central na organização diária do tempo, pois as demais atividades são realizadas em função do tempo em que não se está em aula. Esta centralidade é comum aos jovens, porém, no relato das atividades o tempo destinado ao estudo é apenas aquele em que se está na escola. A grande maioria dos jovens do projeto não destina parte do seu tempo ao aprimoramento da aprendizagem. Este é um fator importante que corrobora os índices de defasagem escolar. Porém, é importante deixar claro que a defasagem escolar não se explica pela não dedicação dos jovens aos estudos, mas tem causas muito mais profundas que acabam por reforçar e desencadear o pouco envolvimento dos jovens nos processos de aprendizagem formal.

Quanto a destinação de parte do tempo para a realização de atividades que contribuam para a organização da rotina familiar, como arrumar a casa, fazer almoço e cuidar de irmãos foi citada por uma pequena parcela dos jovens. Foi relatada especialmente pelas moças, pois estas são requeridas por suas mães a auxiliarem nos afazeres domésticos. Apenas um rapaz relatou ajudar em casa, arrumando sua cama.

Apesar de ser evidente a existência da divisão sexual do trabalho, em que as jovens moças geralmente têm a função de contribuir ou ser a responsável pela organização do lar enquanto suas mães estão trabalhando, chamou atenção o fato de que a grande maioria das jovens é dispensada desta obrigação, seja durante a semana - devido ao volume de atividades que fazem -, seja no final de semana.

A participação no projeto UFJF – Território de Oportunidades também se tornou um grande demarcador do uso cotidiano do tempo. Para os jovens o projeto foi uma oportunidade de ocupar o tempo livre e ainda receber um dinheiro que possibilitaria adquirir certa independência financeira.

Nos horários em que não estão na escola, nem no projeto, os jovens utilizam o tempo para descansar e se divertir. Geralmente estas atividades são realizadas no próprio local de moradia.

A juventude vista pelos jovens

Viver a vida cotidiana não é apenas saber organizar o tempo a partir das condições objetivas, mas é também experimentar situações diversas que atravessam os

dias e noites e que contribuem para a formação do sujeito e de uma geração. São estas experiências que possibilitam a juventude tecer representações sobre o período que estão vivendo.

Para os jovens, o tempo presente é o tempo da juventude. Tempo de novas experiências, tanto boas quanto ruins. Tempo de incertezas e conflitos, mas também de muita diversão.

As representações dos jovens sobre esta fase vão ao encontro das diferentes concepções sobre juventude, apresentadas por Castro (2001) e Dayrell (2001) que estão presentes no senso comum.

Uma primeira concepção de juventude que se pôde identificar na fala dos jovens foi àquela baseada no contexto evolutivo desenvolvimentista, que considera os jovens como ponto de partida da existência humana. A jovem J. V. trouxe esta idéia ao se referir a juventude como “um período de conflito e agonia, porque o que se escolhe na juventude vai repercutir por toda a vida.” O jovem Igor falou que “a juventude é um período de amadurecimento”. Já a Bruna disse: “o chato é ter que fazer escolhas.”

Para Castro (2001), a lógica desenvolvimentista colocou o adolescente enquanto sujeito marcado somente pelo *vir-a-ser* e não pela competência do *aqui e agora*. A juventude se caracteriza como uma fase preparatória para a vida adulta em que o jovem então, poderia participar das questões que se colocam para a vida em sociedade.

A perspectiva do *vir-a-ser* nega o presente como espaço de formação dificultando enxergar o jovem como sujeito de direito. Isso contribui para uma cultura em que os jovens não têm espaço para falar e principalmente ser ouvido, como sujeitos que têm condições de decidir, não apenas o seu destino individual, mas também coletivo. A negação destes espaços, por outro lado, faz com que os jovens desconheçam sua condição de sujeitos de direito e não exercitem sua autonomia, seguida da responsabilização de seus atos.

Isto nos leva a uma outra concepção que é a visão romântica. Esta associa a juventude ao tempo de liberdade, de prazer e de expressão de comportamentos exóticos. Isso é claramente percebida na fala de quase todos os jovens: “todo jovem é cheio de animação, de energia.”. Um jovem afirmou que “se é jovem quando não tem responsabilidade. Quando se ganha responsabilidade, se deixa de ser jovem”.

Neste sentido, Dayrell (2001) diz que a juventude é percebida como um tempo para se errar, experimentar e buscar o prazer. O jovem é visto como alguém que não vivencia as dificuldades e as dores envolvidas nas suas descobertas. Esta perspectiva é

percebida nos discursos das classes média e alta, e que tudo, ou quase tudo é permitido os jovens, pois esta é a fase da experimentação.

Por outro lado, Dayrell apresenta uma concepção que associa a juventude ao crescimento dos índices de violência, consumo e tráfico de drogas. Nesta perspectiva o jovem é considerado transgressor, rebelde e irresponsável. Um jovem ilustra bem essa condição: “os jovens só vão no baile pra brigar mesmo.”

Sob esta ótica, as ações em prol da juventude são focadas na superação do problema, voltando-se apenas para os setores juvenis considerados pela sociedade em situação de risco social. Para o autor, esta idéia considera a juventude como um momento de crise, que acaba por refletir-se na auto-estima do jovem real.

No relato dos jovens sobre a juventude ficou claro que a forma como a definem são, reproduções do que é disseminado pela mídia. Em muitos momentos, os jovens se referiam a juventude como algo estranho a sua condição de vida presente. Porém, se percebia a alto-implicação, quando apresentavam as questões presentes no cotidiano, que serão explicitadas a seguir.

AS SITUAÇÕES DO TEMPO PRESENTE: os elementos que atravessam a juventude

Durante uma atividade da oficina sócio-educativa, os jovens tinham como tarefa a realização, em pequenos grupos, de um acróstico com a palavra “juventude”. Eles poderiam fazer da forma como desejassem, ou seja, utilizando as letras da palavra para iniciar as novas palavras, ou para as compor.

As palavras utilizadas pelos jovens foram agrupadas, se transformando em categorias de análise que permitiram compreender as diversas situações que são absorvidas pelos jovens como sendo próprias da juventude.

ACRÓSTICO DA PALAVRA JUVENTUDE

J	Juízo; Jovem
U	União
V	Violência; Vício
E	Educação; IncomprEensão; PrEconceito
N	Namoro; ENergia; DiNheiro
T	Trabalho, MaTuridade
U	Curtição; HUildade
D	Drogas; Desigualdade; Diversão
E	Experiência; Sexo; Esperança

No geral, percebemos que os jovens levantam questões muito significativas que envolvem todas as áreas da vida e que implicam diretamente na forma como se

expressam no mundo. Estas palavras demonstram que o tempo presente dos jovens pobres é um tempo marcado pelas várias formas de exclusão, conflitos e algumas poucas possibilidades e oportunidades.

OS JOVENS E OS SEUS PROJETOS DE VIDA: as perspectivas do tempo futuro

Neste estudo compreendemos que o tempo futuro é um *tempo-devir*, em que se realiza no presente, uma projeção para (e não em) o futuro. É uma dimensão qualitativa na qual o presente adquire sentido na relação com o passado e o futuro, perpassado por transformações.

Zarifian (2002) aponta que o *tempo-devir* é objetivo e subjetivo, simultaneamente. É objetivo porque se impõe a todos – todos passam por transformações e envelhecem⁴, mas também é subjetivo porque adquire sentido pelo valor diferenciador que é atribuído ao curso dos acontecimentos. Desta forma é entre o antes e o após dos acontecimentos – no tempo presente - que se situam as escolhas e orientações do devir.

Já o *após*, para este autor, seria a *antecipação do porvir*, que se realiza em função das escolhas, de uma decisão ética antecipada sobre um dos devires possíveis. Desta forma não é uma previsão direta, determinada, pois no *tempo-devir* avançar pelo futuro implica em novidades e possui valores diferenciados.

Entendemos que o *após* seria a construção de algo a ser realizado a partir de escolhas e possibilidades mediadas pelas condições (históricas, sociais, culturais e econômicas) do tempo presente.

À luz destas considerações, neste ítem abordaremos os projetos de vida dos jovens pobres – explicitado através dos seus discursos.

No relato dos jovens os projetos de vida expressavam uma projeção, muitas vezes situadas em um tempo e um espaço:

eu quero primeiro fazer uma casa do meu jeito, pequena, bonitinha – lá pros 30 anos eu caso – lá pros 5 anos pensar – só pensar em filhos. (W.A)

(...) mais pra frente, quando eu tiver 24 anos com minha vida controlada pretendo construir uma família (D.)

⁴ Desde o nascer os seres vivos envelhecem. Esta é uma marca do tempo que se passa, de um devir, que não é consequência de um simples deslocamento linear em um sistema de datação, mas está submetida a processos de avaliações e experiências individuais e coletivas que qualificam este envelhecimento.

Contudo, são projeções que não encontram, no presente, sustentações baseadas em escolhas, ou como diz Velho (2004) numa racionalidade cotidiana e que implica algum planejamento. A grande maioria almeja alcançar determinadas situações mais não agem no tempo presente para isso. Por exemplo, o jovem M.L. pretende seguir carreira militar, mas não vislumbra a realização de curso preparatório para se preparar para o processo seletivo. Dedicar um tempo para a preparação ou realização de algo que lhes permitam benefícios futuros só acontece se não implicar em renúncia das satisfações do presente.

No geral, os projetos de vida dos jovens pesquisados se articulam em torno de três eixos: trabalho, educação e família.

Trabalho e educação

Percebemos nas falas dos jovens que seus projetos de vida se organizam em torno da inserção no mercado de trabalho, através de uma ocupação que lhes permita não só adquirir ganhos financeiros, mas também reconhecimento social.

Estas duas dimensões nos levam a refletir, que o trabalho continua presente no imaginário social da juventude como um referente fundamental na construção de sua identidade social.

Contudo, na atualidade experimentamos a impraticabilidade desta forma de modelo de trabalho tradicional, devido a reorganização do mundo do trabalho. Quiroga (2002) diz que atualmente há um processo de desmistificação do trabalho, não ao que se refere a sua valorização, mas a postura dos jovens frente ao mesmo.

Se em tempos remotos o trabalho adquiria centralidade da vida dos sujeitos, hoje a valorização do trabalho está inserida em um contexto em que o trabalho não é mais sacralizado, mas submetido às críticas e aspirações do indivíduo.

Indo ao encontro das percepções de Quiroga, percebemos que os alguns jovens participantes do projeto UFJF- Território de Oportunidades, na sua maioria, não querem fazer do trabalho o centro de suas vidas (como foi, em tempos remotos, para seus pais e avós), tendo como consequência, uma postura finalista – somente do ganhar dinheiro

Contudo, para alguns jovens o trabalho é mais do que a possibilidade de ganhar dinheiro, mas um espaço de participação do processo de produção global e onde há a possibilidade de realização pessoal, de ser útil.

No entanto, se olharmos para o tempo presente e para as condições objetivas de vida, perceberemos que os jovens encontram muitas dificuldades para a realização dos seus projetos de vida.

A maioria dos jovens, no processo de transição para vida adulta, ao se desvincular dos velhos papéis da infância, não encontra espaço para desempenhar os novos, ou seja, àqueles relacionados à vida produtiva e seus desdobramentos.

Os jovens pobres também encontram dificuldades para se inserirem e se manterem no mundo do trabalho em função da carência de recursos de várias ordens, nas quais destacamos: a falta de um sistema educacional público de qualidade e eficiente; falta de condições financeiras para investirem numa preparação profissional que lhes permita concorrer no mercado de trabalho; carência de referências e modelos profissionais que possam servir de guia para os jovens. Além disso, a rede de sociabilidade do jovem parece se reduzir à família, que também é desprovida de recursos.

Os jovens pobres, em especial aqueles que almejam profissões que exigem formação superior, enfrentam o grande problema da falta de qualidade e eficiência da educação pública, que impede, seja a continuidade dos anos de estudo, seja a preparação necessária para a concorrência em condição similar aos jovens dos segmentos mais abastados.

Porém, mesmo diante destas dificuldades, a grande maioria dos jovens do projeto tem clareza da importância de se completar pelo menos o ensino médio, já que este vem sendo exigido como a formação mínima necessária para muitos trabalhos. Com isso, ter o ensino médio ainda é uma vantagem para a inserção no mundo do trabalho, em relação aos jovens que não conseguiram terminar essa modalidade de ensino. Contudo, Juncken (2006) nos alerta, que completar o ensino médio não significa a mobilidade social, a exemplo das gerações passadas.

Mas, para os jovens pobres a continuação dos estudos, principalmente em nível superior, só é possível mediante a realização de trabalhos que permitem arcar com os custos da educação. Isso é percebido na fala dos jovens pesquisados quando, ao mencionarem o desejo do curso superior, colocaram como condição fundamental, a inserção anterior no mercado de trabalho.

Diante de tantas dificuldades é possível entender a contradição entre a verbalização da importância atribuída pelos jovens, à escola como uma instituição que conduzirá à profissionalização e a dedicação efetiva a ela. Apesar de todos os jovens pesquisados freqüentarem a escola, ela é apenas um lugar onde se deve estar, mais em função da socialização que permite, do que propriamente a aprendizagem que proporciona.

Constituição de uma família

Formar uma família foi citado pelos 17 jovens que participaram da reunião, como um projeto de vida. Apenas 1 jovem não mencionou o desejo de formar uma família ou ter filhos. É importante deixar claro que ao falarmos de família, estamos nos referindo ao desejo dos jovens, homens e mulheres, de se casarem e terem filhos ou apenas terem filhos.

No que se refere a família que pretendem formar, percebemos alguns aspectos importantes que nos informam as concepções de família que os jovens possuem.

Um primeiro aspecto foi o desejo de formar uma família nuclear – pai, mãe e filhos – “bonita”, “saudável”, “unida” e com pessoas que se “amem e se respeitem”. Percebemos nestas colocações que os jovens se espelham numa concepção romântica e tradicional de família, sem se darem conta de que este modelo não é real, mas uma construção ideológica, necessária ao desenvolvimento da sociedade burguesa e a manutenção da propriedade privada.

Vários autores demonstram que a família está passando por um grande processo de transformação interna e marcante interferências externas, que faz com que seja impossível sustentar a existência da família nuclear, com base nos valores burguesas, como a única ou a mais adequada para o desenvolvimento social e individual.

Em todos os estudos, as mulheres são destacadas como as propulsoras de mudanças no âmbito familiar. Destacamos dois fatores importantes que contribuíram para a centralidade da mulher na promoção destas mudanças. O primeiro é a interferência de tecnologias na área da reprodução humana e o segundo é o ingresso feminino no mercado de trabalho.

Sarti (2003) afirma que as interferências tecnológicas, principalmente na área reprodutiva, abalaram os valores da família como a maternidade e a descendência, introduzindo no universo naturalizado da família, a possibilidade da escolha.

Para esta autora, com a disseminação da pílula anticoncepcional no Brasil, a partir da década de 1960, houve a separação da sexualidade da reprodução, interferindo decisivamente na sexualidade feminina. Isso fez com que a mulher deixasse de ter sua sexualidade atada à maternidade, abalando a identificação natural entre a noção de mulher e mãe. Por outro lado, Sarti (2003) afirma que as várias pesquisas realizadas nesta área demonstravam que, ao contrário das pílulas anticoncepcionais, as técnicas de reprodução assistida reforçam a maternidade e seu valor social principalmente em relação à manutenção do padrão de relações de gênero.

Outro aspecto que nos chamou atenção foi o fato dos jovens rapazes, na sua maioria, ter o desejo de ter filhos após construírem uma família, como se estivessem segundo uma 'ordem natural'. Porém, um jovem relatou o desejo de ser pai, independente de estar casado ou 'amigado'(na sua expressão).

Já nas falas das jovens percebemos uma porcentagem maior de meninas que desejam ser mães, mas não necessariamente casarem ou "amigarem". A condição para terem filhos é a de ter uma vida estável e independente financeiramente. O desejo do casamento, para algumas, é para ter um companheiro "amigo", que as "respeite" e as "ame".

Desta forma, percebemos nas falas das jovens o desejo unânime de serem independente financeiramente, ou seja, se estabilizarem profissionalmente, adquirirem casa e carro, para depois pensar em casamento e filhos. Todas falaram do desejo de não dependerem dos seus companheiros.

Já na fala dos jovens rapazes, a busca pela estabilidade financeira advém do desejo de poder garantir a sobrevivência da família: poder ter casa própria; garantir bons estudos aos filhos, possibilitar a realização de viagens, passeios e festas. Percebemos presente no discurso destes jovens a ética do provedor, que reforça a definição de papéis socialmente definidos, qual seja, a do homem provedor e conseqüentemente, a da mulher "cuidadora" do lar.

Porém, apesar de percebermos nas falas das jovens o desejo da realização profissional e da independência, que perpassa pela dimensão financeira, também ficou claro, quanto ao desejo de formarem uma família, a dimensão de serem também provedoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ponto de partida para entendermos os projetos de vida dos jovens pobres foi a compreensão de que estes projetos são construídos com base nas histórias de vida, desta forma, entender como os jovens experimentam o tempo presente nos permite compreender os elementos que atravessam os projetos de vida.

Na vivencia do tempo presente os jovens nos colocam questões importantes que reaparecem, em forma de projeção – visando tanto a superação quanto a manutenção – nos seus projetos, quais sejam: família, educação e trabalho e os seus desdobramentos.

Diante disso, é importante que o assistente social compreenda o tempo presente, com toda a sua complexidade e como os jovens se inserem nesta temporalidade, para que possa propor ações mais efetivas e eficazes para este segmento.

BIBLIOGRAFIA

CASSAB, Maria Aparecida Tardin. **Jovens pobres e o futuro: a construção da subjetividade na instabilidade e incerteza.** Niterói: Intertexto, 2001.

CASTRO, Lúcia Rabello de (org). **Crianças e jovens na construção da cultura.** Rio de Janeiro: Nau editora, 2001.

DAYRELL, Juarez. **A música entra em cena: o funk e o rap na socialização da juventude em Belo Horizonte.** São Paulo: Faculdade de Educação (tese de doutorado), 2001.

JUNCKEN, Elaine. **Jovens Pobres e a construção de projeto de vida.** (Projeto de Qualificação) Instituto de psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

MARX, Karl. O 18 Brumário de Luis Bonaparte. In: **O 18 Brumário e cartas a Kugelmann.** Ed Paz e terra: Rio de janeiro, 1969.

SARTI, Cynthia A. Famílias enredadas. In: ACOSTA, Ana Rojas; VITALE, Maria Amália Faller. **Família: redes, laços e Políticas Públicas.** Ed. Cortez: São Paulo, 2003.

FRANCH, Mônica. **(Contra) tempos – uma proposta de estudo sobre a categoria do tempo entre jovens de periferia.** Projeto para obtenção do grau de Doutora em Antropologia, no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da UFRJ. Julho, 2005.

ZAFIRIAN, Philippe. O tempo do trabalho: o tempo-devir frente ao tempo espacializado. In: **Tempo Social.** Ver. Sociol. USP: São Paulo, 2002.